

Um obstáculo ao tratamento da criança

Maria Cláudia Ferreira¹

Resumo: O presente trabalho trata do caso clínico de Marina, uma criança de 2 anos e 3 meses de idade, a quem se atribui traços de autismo, em decorrência da apresentação de fechamento relacional e de atraso na fala. Em virtude do isolamento social imposto pelas autoridades sanitárias na época da pandemia da COVID-19, o tratamento psicanalítico da criança é conduzido no formato virtual. O trabalho mostra a condução do tratamento, a sua interrupção e o lugar que a mãe da criança ocupa junto à sua própria mãe como fator impeditivo para o exercício da maternidade.

Palavras-chave: autismo; tratamento psicanalítico; atendimento remoto; maternidade.

Introdução

Trata-se da construção de um caso clínico oriundo do atendimento de uma criança de 2 anos e 3 meses de idade, com traços de autismo. O acompanhamento foi realizado no formato remoto, em vista do isolamento social imposto pelas autoridades sanitárias brasileiras durante a pandemia da COVID-19, ocorrida entre os anos de 2020 e 2022.

O trabalho analítico por intermédio de ferramentas digitais em resposta à situação emergencial que se colocava, constituiu um desafio tanto para os psicoterapeutas como para os pacientes e suas famílias, em face do desconhecimento na utilização do novo método de abordagem e seus resultados (VELANO, M.; PRADO, E.A.; DELFINI, P.; BRITO, C.V., 2021). Contudo, fazia-se necessário o atendimento de crianças em sofrimento psíquico, visando não somente à redução do seu desconforto e dos pais, mas também impunha-se

¹ Psicóloga, Especialista em Ações Interventivas em Psicologia Clínica pela Faculdade de Ciências Humanas de Olinda - FACHO, membro do Preaut Recife, executa trabalho voluntário no Centro Universitário Integrado de Saúde Amaury de Medeiros-CISAM/UPE.

² O atendimento de Marina está inserido no projeto de pesquisa intitulado “Avaliação do tratamento psicanalítico virtual de crianças com traços de autismo durante a pandemia da Covid-19”, conduzido pelo Preaut Recife. O projeto foi aprovado pelo Parecer CEP/CISAM nº 4.992.754, de 23.09.2021.

³ Os nomes das pessoas envolvidas são fictícios.

como necessária uma intervenção em tempo com a finalidade de tentar evitar a sedimentação de quadros clínicos mais graves.

O trabalho realizado com Marina, nome fictício da garotinha, fez parte da pesquisa intitulada “Avaliação do tratamento psicanalítico virtual de crianças de 2 a 7 anos com traços de autismo”², conduzida pelo Preaut Recife³. A criança foi encaminhada pelo Ambulatório de Pediatria do Centro Universitário Integrado de Saúde Amaury de Medeiros-CISAM/UPE, conforme especificado no projeto de pesquisa correspondente.

História familiar da criança

Nas primeiras entrevistas realizadas com a mãe de Marina, Solar⁴, que somente compareceu à sessão no terceiro agendamento, aparecem as seguintes queixas: a criança, aos dezesseis meses de vida, não olhava para ela, falava muito pouco, dispondo de um vocabulário muito restrito (usava apenas palavras como “mamã”, “dá”). Atualmente, ainda não forma frases, não responde quando lhe fazem perguntas e nada se entende quando se expressa oralmente. “Fala embolado como (se falasse no idioma) inglês”. A mãe revela que ela e uma irmã começaram a falar somente aos três anos e meio, quando foram enviadas à escola. O bisavô materno de Marina apresentou gagueira aos quatro anos. Na consulta de puericultura (julho/2021) a mãe foi orientada a conversar com a criança, chamando-a por seu nome próprio.

Marina é a primeira filha de Solar, nascida de parto natural, a termo. A gravidez foi desejada pela mãe, mas ela e o companheiro ainda estavam se conhecendo, “estavam ficando”. A relação dos dois “não foi como ela esperava”. Durante a gestação, o casal separou-se quatro vezes. Numa das ocasiões registrou-se Boletim de Ocorrência (BO) por suposta agressão física do companheiro. Nessa ocasião, Marina contava com apenas 5 meses. A mãe de Marina reconhece que “não conseguia enxergar o relacionamento abusivo que vivia”. Ela tinha que relatar ao companheiro todos os passos dados durante o dia. “Ele chegava em casa exigindo que tudo estivesse no lugar e quando não estava ele reclamava”. “Sexualmente acontecia como ele queria”. Mais tarde, Solar falará de abuso físico e psicológico.

Marina tem uma irmã mais nova em torno de 1 ano e meio. Ao falar sobre a segunda gravidez, Solar refere que ela “aconteceu”, “não foi programada”. Usava contraceptivo mas passou mal com o uso e interrompeu. Nessa época, se perguntava se devia manter o relacionamento com o companheiro ou não. Mas como estava grávida decidiu não se separar. A separação definitiva ocorre

quando Marina está com 1 ano e 5 meses. Solar volta para a casa dos pais no oitavo mês de gestação da segunda filha.

O pai vai ver as filhas semanalmente, sempre acompanhado da mãe ou da irmã. Ele não aceita o tratamento de Marina, pois no seu entender Marina “não tem nada”.

Solar e as filhas residem na casa dos avós maternos de Marina, assim como com uma irmã da mãe. Essa irmã tem um emprego e faz faculdade à noite. O pai de Solar realiza trabalhos ocasionais (biscates) e sua mãe está sempre ausente, pois trabalha como enfermeira em dois hospitais. Solar não estuda, não tem emprego ou trabalho e recebe bolsa-família. Iniciou um curso superior mas não o levou adiante.

A rotina diária de Marina se desenvolve do seguinte modo: durante o dia vê televisão e/ou faz uso frequente de aparelho celular para assistir desenhos animados como Bob Esponja e Turma da Mônica. Até 1 ano e 5 meses, não tinha contato com outras crianças, já que o pai, ao sair para o trabalho, “trancava as portas da casa”. Somente vai à escola a partir de 2023.

Durante o dia, Marina dorme entre às 15 e às 17 horas aproximadamente. “A gente tenta acordar, desliga o ventilador, liga as luzes, a televisão, chama por ela, mas ela só acorda na hora dela; já aconteceu de a gente colocá-la no sofá, ainda dormindo, tentando fazê-la acordar mas sem resultado”. Quando acorda, só volta a dormir após às duas ou três horas da manhã. “Meu pai é quem fica com ela até ela dormir. Ele dorme durante o dia para poder ficar com ela à noite”. A criança faz uso de medicação, o que, segundo a mãe, a deixa sonolenta e sem apetite. Solar e as duas filhas dormem no mesmo aposento, em camas separadas.

Com relação aos hábitos alimentares, a criança tende “a beliscar a comida que vê a gente comer, mas prefere líquido como suco e água de coco, tudo o que é líquido; às vezes, não tem almoço na hora”. Toma mamadeira, sorvete, vitamina de abacate.

Desenvolvimento das sessões com a mãe e a criança

As entrevistas iniciais com Solar, tanto quanto as sessões realizadas com a presença de Marina, ocorreram através de vídeo chamadas por aparelho celular. A primeira entrevista ocorre apenas no terceiro agendamento, pois a mãe cancela os dois primeiros, a pretexto de “não poder conversar naquele momento”.

Após três sessões das quais apenas a mãe participa, dá-se o primeiro encontro com a criança, realizado graças à insistência da terapeuta junto a Solar. Juntas, mãe e criança aparecem na tela do dispositivo. A terapeuta fala

diretamente a Marina, chamando-a pelo nome. Ela responde dirigindo um olhar à pessoa que lhe fala, mas mantém-se calada. Solar tenta prender sua atenção dizendo “Olha, tua terapeuta!”. Marina se desprende e sai correndo. Quando ela volta para perto da mãe a terapeuta procura iniciar uma conversa com ela. Marina volta a correr e não retorna.

Solar conta que o telefone celular não é uma ferramenta desconhecida para a criança, pois ela usa o dispositivo “quase o dia todo”, para assistir desenhos. Na ausência de Marina, a mãe volta a falar do relacionamento com o ex-companheiro, do seu dia a dia, de seus sintomas, angústias, desejos, frustrações e experiências sexuais traumáticas. Após as entrevistas iniciais em que as queixas sobre a criança são reveladas, o discurso materno vai então girar sobretudo em torno de si mesma ocupando na maior parte das vezes o espaço da criança.

A terapeuta se pergunta se a dificuldade de Marina para manter sua atenção nas sessões e sua tendência a fugir dos encontros virtuais não seriam decorrência de uma dinâmica familiar inadequada ao seu desenvolvimento, agravada pelo uso frequente e sem limites das telas. Sabe-se das consequências nefastas desse uso no atraso de fala, nos distúrbios de linguagem e no estabelecimento das relações. Contribuiria para as manifestações da criança o isolamento vivido nos primeiros meses de vida, imposto pelo pai e pelas restrições sociais devidas à pandemia? Ou, de algum modo, a criança deseja atender o desejo da mãe de ser escutada?

Na terceira sessão com Marina e a mãe, a terapeuta procura falar com a criança fazendo-lhe perguntas sobre as cores do vestido que ela usa. Ela responde aleatoriamente, apontando para partes do vestido. Passados cerca de oito minutos, ela se afasta correndo e não se reaproxima. Vai para o quintal da casa, onde está o avô materno.

Nas duas sessões seguintes Marina começa a apresentar uma maior participação. Ela mostra seus brinquedos, retirando de uma caixa panelinhas, xícaras, pires, colheres, bule, casinha de boneca, boneca, lápis de cor. Quando a terapeuta, mostrando surpresa e entusiasmo, acolhe cada um dos brinquedos à medida que lhe são apresentados, a criança olha desconfiada para a tela do celular. Nesses momentos, Marina suporta permanecer no ambiente de 10 a 15 minutos. Por sua vez, a mãe revela uma certa irritação. O restante da sessão era ocupado por Solar, que repetia o mesmo discurso sobre sua história.

As sessões dos meses seguintes são realizadas apenas com a participação de Solar. Há sempre uma justificativa para a ausência da criança. Enfim, a terapeuta lhe questiona diretamente: “Marina vai voltar a participar das sessões?” Solar responde: “Não, ela já está fazendo tratamento”. “Bom se a

senhora puder ficar atendendo somente a mim...” Essa informação sobre o tratamento da criança nunca foi confirmada.

Entretanto, a frequência de Solar às sessões torna-se cada vez mais irregular. Ela não atende as chamadas telefônicas. Responde as mensagens de *WhatsApp* de modo evasivo. “Agora não dá”, “Assim que der, tá?”, ela repete. Ulteriormente, o contato com Solar é interrompido por aproximadamente dois meses, tornando-se impossível localizar a mãe da criança por intermédio do número de telefone inicialmente disponibilizado.

Nesse ínterim, é buscado um contato remoto com a avó materna da criança. Embora ausente de casa a maior parte do tempo, a mãe de Solar mantém a filha sob constante vigilância. Ela diz sem rodeios e com raiva: “Marina não tem nada, ela não precisa de tratamento; quem precisa é ela”, referindo-se a Solar.

No retorno às sessões, Solar explode: “Eu quero falar, não estou bem, as minhas coisas que eu quero falar aqui em casa, eles (pai, mãe e irmã) acham que é besteira minha, e vão entender de outro jeito”. “Eu tenho pensamento acelerado. Antes das meninas, já tentei suicídio, tomei comprimidos, sabia que não ia matar, foi fraco”.

“Eu fazia faculdade, a faculdade era pelo Fies, tinha um limite de cadeira pra reprovar, eu repetia as matérias, porque desfocava minha atenção, não lembrava de nada, quando eu ia prestar prova, parecia que não tinha estudado nada”.

Indagada a respeito de sua dificuldade de concentração, Solar responde: “É porque eu quero o negócio do meu jeito, tem que ser logo, eu sinto ansiedade que me puxa pra outra coisa, e ficar em casa é estressante pra mim. Todo mundo já percebe, quero qualquer besteirinha o mais rápido. Comigo a ansiedade ganha de tudo: quando eu tenho que dá banho nas meninas, sinto que é muita coisa pra fazer, e ainda tenho que cuidar de mim, fico muito cansada, e não cuido de mim, não tomo banho, nem escovo os dentes. Minha irmã me ajuda com Marina, dá banho, ajuda a trocar a roupa, mas ela trabalha, faz faculdade e faz o curso do trabalho dela. Meu pai faz a comida, fica muito tumultuado. Minha mãe e meu pai ajudam 100% e a avó paterna de Marina ajuda 60%”.

Até hoje, ainda que com uma frequência bastante irregular, Solar comparece às sessões, que permanecem sendo realizadas à distância. Ela não aceita o atendimento presencial.

Considerações sobre o caso Marina

Apesar do fechamento relacional manifestado pela criança por ocasião das duas primeiras sessões, e do seu atraso de fala, o que sugeria a presença de traços de autismo, a partir da terceira sessão Marina apresenta sinais de abertura ao Outro. Ela procura se comunicar e interagir com a terapeuta através de gestos de aproximação, mostrando-se e mostrando seus objetos (brinquedos), ao mesmo tempo em que acatava com seu corpo as intervenções que lhe eram dirigidas, inclusive o olhar e a voz do Outro (terapeuta). Apesar dos recuos - era muito difícil para Marina manter a interação - era possível perceber o funcionamento pulsional em operação, embora precariamente. Era imprescindível a continuidade do tratamento para que se pudesse vislumbrar em algum momento o fechamento completo do circuito. A criança se encontrava em atraso com relação ao atravessamento dos tempos da infância, mas anunciava, com suas respostas, a possibilidade de superação dos entraves que se colocavam e a atualização das operações de constituição subjetiva (CRESPIN, 2022;)

Por sua vez, a mãe demandava atendimento para si mesma, não lhe sendo possível, em face de um possível estado depressivo, vir em socorro da filha. De outra parte, a relação que Solar mantinha com a própria mãe era de submissão e dependência. Correlativamente, a mãe supunha na filha uma total incapacidade para cuidar de si mesma, o que Solar reconhecia como algo procedente. Apesar de adulta e já com duas filhas, Solar vai dar plena razão à mãe quando ela lhe bate: “Eu apanhei porque mereci, eu estava errada.” (IACONELLI, 2023; TEPERMAN, GARRAFA, IACONELLI, 2022).

Referências

CRESPIN, G. *A apetência simbólica do recém-nascido* - Do estabelecimento do laço precoce aos sinais de risco de autismo. Escola de Estudos Psicanalíticos/NINAR - Núcleo de Estudos Psicanalíticos. Porto Alegre, março de 2022.

IACONELLI, V. *Manifesto antimaternalista* - Psicanálise e políticas da reprodução. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. *Corpo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

VELANO, M.; PRADO, E.A.; DELFINI, P.; BRITO, C. (orgs.) *Psicanálise com crianças: desafios e proposições para a clínica online*. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2021.